

**Corpo e gênero: representações sociais do feminino numa academia de Porto Alegre**

Alexandre Kunsler\*

**Resumo:** As academias tem se apresentado como espaços onde a possibilidade de significação e transformação corporal se fortalece a cada dia. Este campo de interações e aprendizagens posiciona o corpo no centro de uma série de perspectivas e visões diferentes do que é ser feminino na contemporaneidade. Nesta construção do olhar sobre o corpo feminino, operam uma série de mecanismos e discursos que desenvolvem práticas e saberes sobre como cuidar do corpo e como construir a feminilidade.

**Palavras – chave:** Representações do Corpo - Corpo Feminino - Relações de Poder - Disciplinamento do Corpo

---

**Introdução**

Na maioria das sociedades contemporâneas ocidentais, a forma física e a aparência que ela revela funcionam como marcas sociais importantes na classificação e hierarquização dos estilos de vida, bem como de ascensão social. Este argumento produz um deslocamento, onde o corpo, já tematizado como território de inscrição de identidades como gênero, classe, etnia, passa a funcionar, ele mesmo, como operador de sistemas que posicionam e valoram sujeitos na cultura contemporânea. Esta posição de centralidade vem sendo nutrida por uma variedade de discursos que promovem a construção de verdades sobre os corpos e as formas físicas, destacando relações de poder onde os saberes religiosos, econômicos e na atualidade biomédicos evidenciam modalidades de disciplinamento, daquilo que Foucault chama de “um lugar prático direto de controle social”. Disciplinamento este, que é caracterizado por processos de controle historicamente produzidos sobre o corpo e sobre as práticas que incidem nele.

Neste campo onde diversas forças atuam, construindo verdades e produzindo mecanismos de controle, é possível perceber no cenário da modernidade, uma série de ações que tomam como ponto de disputa fundamental o corpo feminino. Foucault refere-se ao corpo como “dócil e regulado”, percebemos que no caso feminino este processo se constrói através de uma pressão na busca de um ideário estético numa espécie de “culto ao corpo”. Este fenômeno se desenvolve e ganha “corpo” na medida em que existe um aparato midiático

---

\* Acadêmico de Ciências Sociais na PUCRS..

produtor de verdades, composto por programas de TV, revistas especializadas, produtos de beleza e uma série de informações que ensinam as mulheres a conduzirem seus corpos na direção de uma aparência mais adequada nestes tempos em que o sentido do olhar ganha mais relevância.

Acreditamos, fundamentalmente a partir dos discursos, que o corpo e suas representações são socialmente construídos, ou como nas palavras de Meyer (2003), entendido como “um constructo sociocultural, produto e efeito das relações de poder”. Desta forma, rejeitamos noções universais de corpo e de gênero, para apostar na multiplicidade e conflitualidade dos processos pelo qual a cultura constrói e distingue corpos e sujeitos masculinos e femininos.

Este processo de construção e de (re)significação das identidades caracterizadas pela estética se opera das mais diversas formas, todas alicerçadas em mecanismos de disciplinamento e vigilância, encontrando espaço fértil para sua reprodução em academias de ginástica e musculação, espaços onde as construções das identidades físicas e de gênero são possíveis e buscadas. Entendendo o campo como um lugar onde interações e aprendizagens se multiplicam, nos aproximamos de uma academia no centro de Porto Alegre com o objetivo de observar e entender os diferentes olhares, representações e significados em torno do corpo feminino, com base nos discursos das alunas, alunos e professores.

### **Metodologia do estudo**

O presente artigo se caracteriza por ser de caráter etnográfico, se utilizando das ferramentas tradicionais para este tipo de pesquisa, o diário de campo, a observação participante e uma série de entrevistas realizadas no ambiente de uma academia de ginástica e musculação localizada no centro de Porto Alegre. De maneira conjunta a estes mecanismos de coleta de dados destacamos aqui minha experiência como professor da mesma academia, desenvolvendo aulas regulares de ginástica localizada, musculação e alongamentos. Esta vivência profissional ao longo de mais de quatro anos, trouxe-me a curiosidade de buscar uma melhor compreensão para uma série de fenômenos que presenciava diariamente no ambiente de trabalho. Desta forma, as questões da pesquisa foram levantadas a partir do contato direto e diário com as alunas, prescrevendo treinos, promovendo avaliações, fornecendo informações de como cuidar do corpo, ou seja, dialogando constantemente e tomando conhecimento de todos os objetivos, dúvidas, conflitos, decepções e desejos, fato que darei maior destaque na seqüência da discussão.

Foi neste contexto, onde uma série histórias e acontecimentos se desdobraram, onde me encontrei da mesma forma que os alunos e alunas como protagonista de diversas situações, no qual pude ao longo destes últimos meses investir em interpretações sobre diversas narrativas e relações sociais que ali se desenvolviam e que se apresentavam aos meus olhos, dando margem para uma série de reflexões onde o corpo das mulheres é o tema central.

Na condição de professor possuo plena consciência que falo e elaboro minhas observações a partir de um lugar específico e é neste sentido que realizo constantemente o exercício de distanciamento, ou seja, de estranhar o familiar. Segundo Fonseca (1999) ao realizar um estudo etnográfico é fundamental estabelecer um olhar sutil sobre os acontecimentos do cotidiano (no caso da academia) ,tornando-se extremamente importantes e passíveis de interpretação, podendo revelar algo sobre os valores do grupo. Destaco neste aspecto as brincadeiras de mau gosto presentes na sala de musculação, as críticas direcionadas nas aulas de ginástica e as intrigas e os comentários realizados nas esteiras, todos em conjunto colaborando para a formação deste complexo ambiente social.

### **A ditadura do corpo**

O subtítulo apresentado neste tomo do trabalho se coloca no sentido de servir como uma provocação e visa desnaturalizar uma série de discursos, verdades e práticas que se apropriam especialmente do corpo feminino. Estes saberes tem se organizado ao longo dos séculos como as bases estruturantes do “culto à beleza feminina” e, na atualidade, elaboraram uma representação feminina nada natural, mas sim precisamente construída. A imagem da feminilidade se traduz num corpo frágil, curvilíneo, delicado, magro, esbelto e bem trabalhado, caminhando no sentido oposto da diversidade corporal, editando uma série de padrões e normas estéticas sobre o corpo. É possível perceber que esta busca por um “tipo ideal”, nos revela a procura de um corpo “visível”. (PEREIRA, 2008). Desta forma, segue a autora:

Visibilidade faz parte de um processo de sociabilidade, pois é a partir da expressão que toma o corpo, tanto pela sua forma física, pelo gestual ou pelo vestuário, que o grupo encontra identificação, podendo incluir, excluir ou alçar uma pessoa a um status hierarquicamente mais alto no sistema de classificação destes indivíduos. (PEREIRA, 2008, p. 170).

É neste campo de disputas que podemos perceber uma constante negociação quanto às representações de feminilidade e à possibilidade da conquista de mobilidade social, subsidiada nas palavras de Pereira (2008, p. 171), por um “capital físico”, que é capaz de

quebrar a barreira imposta pela herança social e promover a ascensão na sociedade. Este projeto de ascensão, acoplado a uma resignificação da identidade a partir de investimentos na imagem corporal, produz, para aquela que a adota, uma possível vantagem, que lhe pode garantir ser mais desejada, ser admirada, ou seja, estas práticas se materializam na relação com o olhar do “outro”.

As ações que promovem a busca deste modelo de beleza resultam de uma série de cuidados com o corpo, naquilo que Foucault chama de “cuidado de si”, caracterizando-se por diversos mecanismos e estratégias, que buscam um autocontrole das práticas que incidem no corpo. De acordo com Damico (2007) a questão sobre o cuidado é central, pois se justifica na medida em que abrange uma série de dimensões afetivas e cognitivas dos indivíduos – o cuidar pode designar uma ação tanto voltada para o próprio sujeito como para outro. (DAMICO, 2007 p. 94).

Segundo Mourão e Vasconcelos (2008, p. 291), nossa época é testemunha de um novo poder social de normalização e de racionalização do corpo, no entanto, segundo as autoras, não se trata de um prolongamento da era das disciplinas, pois no lugar de regulamentos uniformes surgem uma variedade de produtos e recomendações acerca dos cuidados com o corpo, abrindo espaço para as escolhas. Para Lipovetsky (2000), nos diferenciamos em relação à sociedade disciplinar na medida em que:

[...] o indivíduo protagonista substituiu o indivíduo máquina. [...] a conquista da beleza-magreza se apresenta como pós-disciplinar, por toda a parte o enquadramento mecanicista cede o passo a mecanismos de autocontrole que, mesmo sendo coercitivos, não deixam de mobilizar iniciativa, a consciência, a motivação individual. (LIPOVETSKI, 2000 p. 145-46).

A partir de fragmentos dos discursos das alunas, alunos e professores da academia investigada, podemos perceber que o autocontrole das práticas como os exercícios, as dietas, evidenciam um complexo jogo de relações de poder, onde as ações de intervenção no corpo resultam de uma rede de saberes discursivos.

É importante destacar na obra de Foucault, que sua compreensão em relação ao poder não se reduz a uma percepção negativa do termo, pelo contrário, nos apresenta o poder mais tênue e mais forte, “que produz efeitos positivos ao nível de desejo e também ao nível de saber”. (FOUCAULT, 2001 p. 148). É desta forma que este micro poder extremamente produtivo age, inserindo-se na vida cotidiana e tendo como alvo o corpo humano, não para supliciá-lo, mas para aprimorá-lo, levando uma série de alunos a penetrar do jogo do saber-poder presente na academia, conduzindo-os a uma transformação do corpo a, partir daí, a uma

possível ressignificação. De fato, se faz ainda necessário destacar que a adequação do corpo a esta lógica não se resume a um caráter opressor, pois, se de todo fosse, boa parte dos adeptos da atividade física não se submeteria a um tamanho esforço. Podemos pensar agora em todo o prazer e bem estar que estas práticas também proporcionam, sendo que, através da perspectiva apresentada no estudo, não pretendo esgotar o fenômeno.

### **O universo da academia**

Uma grande academia no centro de uma metrópole tem diversas características particulares. Uma primeira impressão, a depender da quantidade de pessoas que ali se encontram, pode nos revelar um ambiente por vezes caótico, onde a música é extremamente alta, levando as pessoas a se comunicarem através de gritos, onde a diversidade dos que ali circulam se manifesta nos diferentes extratos sociais e estilos, apresentando de forma reduzida toda a pluralidade que caracteriza o centro da cidade. Neste trânsito intenso de sujeitos, podemos destacar a presença de garotas de programa, camelôs, estudantes, aposentados, ou seja, uma multiplicidade de atores compõem o quadro social, tendo todos eles um objetivo em comum, alguma transformação no corpo, referindo-se tanto ao caráter estético como ao que se compreende como saúde.

Entendemos o nosso campo como um espaço de interação e de contato social, na medida em que é difícil se passar despercebido. Podemos identificar também que as academias tem se consolidado como espaços de aprendizagens e de significação dos corpos, onde a exposição e, por vezes, ostentação dos corpos, é constante e proeminente, se colocando a disposição do olhar. As aprendizagens são transmitidas em diversos momentos em que o aluno permanece na academia, fundamentalmente no contato com os professores, entretanto, abrimos aqui espaço para as relações entre alunos, no bate papo das esteiras, no vestiário, e no revezamento dos exercícios e que sem dúvida, seguem na medida em que o aluno vai para casa, passando pelas revistas nas bancas de jornal, se manifestando na escolha do que comer e, às vezes se radicalizando ao ligar a TV quando este já descansa em casa.

Ao voltar o olhar para dentro da academia, as relações professor-aluno e aluno-aluno colaboram na construção daquilo que Mauss (1974) chama de “*técnicas corporais*”, ou seja, a construção do corpo feminino tem sido frequentemente reelaborada e reafirmada neste ambiente. Exemplifico esta passagem mais claramente a partir de um recorte do diário de campo construído nos diversos contatos com as alunas durante as instruções de musculação, onde tive a possibilidade de me aproximar de diferentes visões e significados do corpo

feminino. Uma jovem aluna iniciante, estudante de letras, com dezenove anos de idade, me questiona da seguinte forma quando lhe proponho a realização de um determinado exercício prescrito em seu treino: “*mas Alexandre... esses exercícios para o braço não vão me deixar grandona, né?*”. Neste momento, ao perceber a relevância do questionamento devolvo a ela uma outra pergunta: “*como assim grandona?*”. Ela articula a resposta e segue.

*“não quero ficar como aquelas mulheres fortonas que tem os braços fortes e as costas largas... não é natural... elas parecem homens... nós mulheres temos que mostrar feminilidade... o essencial para o corpo feminino é ser modelado, força é para os homens, nós mulheres somos inteligentes”* (Diário de Campo, 19/03/2009).

De modo preliminar, a narrativa da aluna nos sugere uma série de evidências daquilo que ela considera como características femininas. Segundo Fernandes (2007), estes posicionamentos são estabelecidos numa concepção naturalizada e essencialista de masculinidade e feminilidade em que são construídos como categorias dicotômicas, homogêneas e intrínsecas a homens e mulheres. Sendo assim, ao destacar os ingredientes que constituem o ser feminino, como atributos relacionados à delicadeza e à inteligência em oposição à força e ao vigor muscular dos homens, a aluna se insere na discursividade que aponta o favorecimento da naturalização de aspectos biológicos do organismo que inferiorizam o corpo feminino. Goellner comenta a respeito disso:

Centradas em explicações biológicas, mais especificamente, na fragilidade dos órgãos reprodutivos e na necessidade de sua preservação para uma maternidade sadia, tais proibições conferiam diferentes lugares sociais para mulheres e homens onde o espaço do privado - o lar - passou a ser reconhecido como domínio da mulher, que nele poderia exercer, na sua plenitude, as virtudes consideradas como próprias do seu sexo tais como a paciência, a intuição, a benevolência, entre outras. (GOELLNER, 2003 p. 31).

Com base nas premissas de um corpo frágil e biologicamente despreparado para o esforço intenso, as mulheres acabam, de certa forma, condicionadas para a não realização de uma série de práticas, encontrando, assim, legitimidade para desenvolver determinadas escolhas de intervenção sobre o corpo, construindo caminhos para a construção de identidades corporais hegemônicas, o que nos leva indiretamente ou diretamente a suposições de como não deve ser esta aparência, ou seja, a elaboração das identidades corporais marginais no contexto da academia.

Quando indagadas sobre os aspectos que melhor caracterizam o corpo feminino, as diversas alunas com quem tive contato durante o período da pesquisa, apresentaram elementos recorrentes em suas narrativas. Eles surgem na medida em que seus discursos apresentaram

diversos pontos de conexão. Destaco, neste sentido, o seguinte trecho de um diálogo realizado por uma senhora aposentada de setenta anos, aluna freqüente das aulas de ginástica e uma jovem senhora comerciante com cerca de quarenta, que freqüenta a academia desde o início do ano. O bate papo se deu durante uma das longas jornadas de caminhada nas esteiras. Relato da seguinte forma no diário de campo: “... *mulher gosta de mostrar a barriga, as coxas grossas e a cinturinha fina... o desafio é sempre entrar em uma calça 36...*”, a senhora de setenta anos concorda e complementa, “*corpo bonito é aquele que não é gordo, barrigudo... são terríveis aquelas mulheres com má postura, e piora quando a roupa é apertada e a gordura salta para fora... a apresentação é muito importante...*”. (Diário de Campo, 26/03/2009).

Componho o quadro empírico e também geracional, com o diálogo de uma jovem advogada recém formada, com pouco mais de vinte anos de idade, aluna experiente da academia: “... *corpo de mulher tem que ser definido, feminino, tu tens que saber andar e falar como mulher, ser delicada... hoje em dia o primeiro lugar esta na aparência, um visual elegante é fundamental... quando chego bem vestida no fórum recebo outro tratamento, causo outra impressão...*” (Diário de Campo, 20/05/09). E ela continua argumentando: “... *também não gosto de mulheres atiradas, vulgares, tem que ser sensual...*”. (Diário de Campo, 20/05/09).

De acordo com as três passagens descritas acima, fica perceptível um determinado quadro que compõem um tipo específico de feminilidade, onde é possível visualizar o ponto de convergência na medida em que estas narrativas individuais encontram ressonância, tomando contornos de um projeto para uma determinada coletividade. Desta forma, exercer papéis masculinos e femininos na academia, assim como na sociedade, exige determinadas características que são legitimadoras do *ethos* de gênero. Estas características, por sua vez, são cirurgicamente ensinadas na esfera social, ou seja, são socialmente construídas. Rose afirma que:

Certas formas de se conter, andar, correr, firmar a cabeça e posicionar os membros não são apenas culturalmente relativas ou adquiridas por meio da socialização do gênero, mas constituem regimes do corpo que buscam subjetivar em termos de uma certa verdade de gênero, inscrevendo uma relação particular consigo mesmo/a em um regime corporal, a qual é prescrita, racionalizada e ensinada em manuais de aconselhamento, etiqueta e sobre boas maneiras e imposta por sanções bem como por seduções. (ROSE, 2001, p.44).

De acordo com Meyer e Soares (2004), também pode-se entender que as questões relativas ao corpo, ao gênero e à sexualidade “envolvem disputas de valores, de poder, de

tipos de comportamentos legitimados, de normas e de verdades” e que estes podem, pois, ser entendidos e problematizados “como um lugar constante pela manutenção daquilo que cada sociedade define como estado de normalidade”. Desta forma, as operações que delimitam maneiras de ser homem e mulher, na academia, se articulam em torno da norma que caracteriza o que é masculino e feminino na sociedade, atribuindo especialmente no caso das mulheres, um projeto de padronização, tanto em termos de tamanho, como de formas. Um corpo adequado seria aquele de estatura média, com um tórax pequeno, braços finos, seios volumosos, com destaque para um abdômen definido e livre de gorduras, acompanhado de um quadril largo, com uma cintura fina e coxas musculosas. Entretanto, para esta longa descrição corporal tornar-se legítima, ela deve fundamentalmente se ancorar numa série de prerrogativas encontradas nos discursos das alunas. Estamos falando aqui das técnicas femininas, compreendendo-as como uma série de mecanismos que as mulheres devem desenvolver em relação aos modos de ser e de agir, como a arte de saber se vestir, de se maquiar, de andar, de falar, de agir com sensualidade.

Sendo assim, as mulheres que não se enquadram no modelo tido como adequado (a maioria), podem vir a ser ‘levadas ao tribunal’ onde o julgamento moral contido no olhar do outro demonstra toda a sua efetividade. Entretanto, este processo pode se tornar ainda mais cruel, na que medida em que as mulheres se apropriam de um dos mecanismos de controle mais eficientes destacados por Foucault (2001), a vigilância. No prefácio da *Microfísica do Poder*, Machado (2001) nos dá algumas direções para o pensamento da vigilância, como um dos principais instrumentos de controle, situando a maneira na qual ela opera sobre os corpos:

Não uma vigilância que reconhecidamente se exerce de modo fragmentar e descontínuo; mas que é ou precisa ser vista pelos indivíduos que a ela estão expostos como contínua, perpétua e permanente; que não tenha limites, penetre nos lugares mais recônditos, esteja presente em toda a extensão do espaço. Olhar invisível – como o Panóptico de Bentham, que permite ver tudo permanentemente sem ser visto – que deve impregnar quem é vigiado de tal forma que este adquira de si mesmo a visão de quem o olha. (MACHADO, 2001, p. 18).

De maneira ousada, tento aqui estabelecer uma reflexão em torno dos processos de vigilância que tomam como ponto de partida a arquitetura da academia, elaboro esta relação fazendo referência ao Panoptismo descrito por Foucault (1987) e a disposição dos espelhos da academia visando a internalização da vigilância. Nosso autor descreve o Panóptico, como um sistema de prisão desenvolvido por Jeremy Bentham, onde a disposição circular das celas individuais, divididas por paredes e com a parte frontal exposta à observação do diretor por uma torre do alto, no centro, de modo que este “veria sem ser visto”. Esta lógica permitiria



um acompanhamento minucioso da conduta do detento, aluno, militar, doente ou do louco, pelo diretor, mantendo os observados num ambiente de incerteza sobre a presença concreta daquele. Quanto aos efeitos deste sistema, Foucault destaca:

Induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. Fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação; que a perfeição tenda a tornar inútil a atualidade de seu exercício; que este aparelho arquitetural seja uma máquina de criar e sustentar uma relação de poder independente daquele que o exerce. (FOUCAULT, 1987, p. 166).

Respeitando devidamente as diferenças arquitetônicas entre o panóptico e a academia, chamo a atenção para os efeitos do funcionamento de seus sistemas de vigilância. Na análise de seu espaço, a academia apresenta uma série de espelhos grandes, devidamente posicionados em quase todos os ambientes, nas salas de musculação, em frente aos aparelhos, na sala de ginástica, revelando assim um teor e uma funcionalidade muito mais sutil do que o simples acompanhamento da execução dos exercícios por parte dos alunos. Na medida em que é possível visualizar toda a circulação do ambiente das mais diferentes posições, através do jogo de espelhos, nunca temos plena consciência da posição e da quantidade de pessoas que se observam durante a permanência nas salas. Esta situação fica mais evidente quando compreendemos a lógica do espaço, imaginamos uma sala cercada de espelhos por todos os lados, repleta de aparelhos de musculação, onde uma grande quantidade de pessoas circula com alta rotatividade, com uma distribuição relativamente igual entre homens e mulheres expondo seus corpos com pequenas roupas ao olhar dos outros.

Esta simples descrição espacial e social pode se tornar extremamente coercitiva para aqueles alunos que não querem expor seus corpos ao julgamento coletivo, fazendo com que os ali presente regulem constantemente suas ações corporais na direção de um comportamento quase padronizado. O depoimento de uma aluna é sugestivo neste sentido: *“morro de vergonha daquele monte de homens me olhando... mas pior ainda são as mulheres com corpo de dançarina de funk... as potranças... me sinto ao mesmo tempo visada e desprezada, vivo escondendo a barriga”* (Diário de Campo, 06/04/2009). Esta narrativa nos permite uma aproximação das operações de vigilância no qual as alunas se submetem e são submetidas, desta forma, na medida em que não temos plena consciência se estamos ou não sendo observados pelo olhar do outro, internalizamos o controle, ou seja, a vigilância atua sobre aqueles corpos corrigindo-os quase cirurgicamente. A utilização de roupas largas para esconder determinadas partes do corpo, ou o contrário, o uso de peças extremamente

pequenas e justas atestam a importância da aparência corporal e os ajustes necessários ao que pode e não pode ser destacado na aparência. As palavras de Foucault (1987, p. 169), afirmam que o panóptico funciona como uma espécie de laboratório de poder. Graças a seus mecanismos de observação, ganha em eficácia e em capacidade de penetração no comportamento dos homens. Desta maneira, também na sala de musculação os comportamentos são constantemente ordenados e direcionados para determinadas práticas no momento em que são invadidos pela observação alheia. O que pode ser motivo de constrangimento deve ser devidamente encoberto, como um excesso de gordura no abdômen ou uma estria em um lugar visível.

Esta vigilância está manifesta das mais diversas formas, nos olhares e nas práticas que incidem sobre o corpo, sendo esta a temática abordada mais especificamente no próximo capítulo.

### **Corpo – plástico**

Este subtítulo busca evidenciar uma concepção de corpo na perspectiva de Lopes e Matos (2008) como algo a ser moldado, trabalhado, de um corpo sempre sujeito a intervenções em nome de um modelo estético ideal, assumindo então que este corpo reflete sempre algo inacabado, sempre pronto a se modificar. Dentro deste projeto que objetiva a centralidade da transformação corporal, o trabalho como professor da academia me proporciona um acesso quase ilimitado a uma diversidade de percepções que as mulheres tem sobre seus corpos, destaco também, que a maioria delas nos contatos iniciais comigo e com os outros professores demonstram a necessidade de promover uma série de correções em seus corpos que muitas vezes foge daquilo que a atividade física pode proporcionar. A medida da perfeição se torna cada vez mais precisa e os mínimos detalhes ganham extrema importância, principalmente no que tange ao inimigo número um e fonte de angústia para grande parte das mulheres, a gordura localizada. Lipovetsky cita uma pesquisa da Metropolitan Life Insurance Company que apresenta os seguintes dados:

A maioria das pesquisas demonstra tanto nos Estados Unidos como no Brasil que cerca de 35% das mulheres estão insatisfeitas com seu corpo, sendo que entre as mais jovens entre 16 e 20 anos esse percentual chega a quase 80%. Um outro dado que demonstra a extensão pela qual as mulheres são atingidas por ideal de corpo – peso e forma – pode ser percebido pela distorção operada na imagem corporal, cerca de 95% das mulheres se vêem com 25% mais de peso do que realmente têm (LIPOVETSKY, 2000, p. 149).

O relato de algumas alunas neste sentido toma tom de dramaticidade, como no caso de uma jovem funcionária pública de trinta anos: *“procurei a academia, porque não agüentava mais me ver no espelho daquele jeito... tenho vergonha do meu corpo... estava gorda, obesa, horrível...”* (Diário de Campo, 30/03/09). Segundo Damico (2007) muitas das relações de poder, que constituem os indivíduos funcionam em termos de produzir uma interiorização, em que os indivíduos precisam olhar para si mesmo, para seus atos e pensamentos, com os olhos de um outro.

Esta repulsa social contemporânea à gordura, transforma a vergonha do corpo em combustível para a necessidade de transformação e ajustamento, esta obrigação se constitui como uma força social densa inserindo os indivíduos no processo descrito como corpo-plástico. Nas palavras de Foucault, este incitamento ocorre, pois,

O domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... tudo isso conduz ao desejo do seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, metucioso que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio. (FOUCAULT, 2001, p. 146).

Tenho percebido que ,de certa forma ,é comum por parte das alunas que se submetem a um programa de transformação corporal, uma intensa motivação e mobilização na direção de um combate ostensivo contra a inimiga número um das mulheres que procuram as academias: a gordura e suas possíveis implicações, como a estria e a celulite. Combate este é travado das maneiras mais duras e radicais, demonstrando a utilização de uma série de mecanismos de disciplinamento e controle das ações sobre o corpo, que além dos exercícios físicos, destacam dietas e regimes, uso de medicamentos e todo um aparato de ataque à gordura em prol do corpo desejado. Durante a terceira semana de treinamento de uma jovem aluna de vinte anos, praticante das modalidades de dança, ao retornar de uma consulta médica ela enfatiza: *“Alexandre... estou fazendo dieta, tomando controlador (de apetite), já consultei o gastro e estou vindo do endócrino... quero resultado rápido!”* (Diário de Campo, 15/05/2009). Esta intensa exposição da aluna a uma série de saberes que se articulam no campo biomédico, exemplifica uma das mais concretas relações de poder encontradas em nossa sociedade. No caso desta aluna, por ser de classe média alta e possuir um plano de saúde que lhe traz a possibilidade de consultar com os mais diversos profissionais da área da saúde, a penetração neste campo de saber-poder se deu de maneira direta, entretanto, mesmo aqueles alunos que não contam com estes recursos tem a possibilidade de se submeter a eles,

visto que, os discursos biomédicos correntes flutuam pelo senso-comum e são devidamente apropriados pela coletividade. Segundo Miskolci:

A idéia que permanece nessa sucessão de ideais corporais e jogo de aparências é a de que o corpo refletiria a alma, o caráter. Não por acaso, quaisquer que sejam os objetivos particulares visados por homens e mulheres, o horror à gordura é comum. O que se associa culturalmente à gordura em nossos dias é o estigma da indolência, da incapacidade para o trabalho e até mesmo da exposição ao risco de doenças fatais. Um corpo “saudável” tem de ser esbelto, pois a magreza (no ponto certo) é vista como prova de disciplina corporal e alimentar, de uma mente ativa e sob controle, enquanto o gordo é visto como um compulsivo, um descontrolado, ou seja, alguém ameaçado por uma versão contemporânea da loucura. (MISKOLCI, 2006, p. 686).

Diferentemente de outras épocas e outras sociedades, atualmente uma série de saberes biomédicos tem consolidado ao longo dos anos uma discursividade que posiciona a gordura como principal agente motivador de doenças, atribuindo aqueles indivíduos obesos ou acima do peso a condição de desviantes, sendo então, muitas vezes culpabilizados por esta determinada situação.

Desta forma, a articulação saúde-estética exige daquele que “malha” uma constante vigilância dos atos, este autocontrole é internalizado de tal forma que produz um tipo de olhar perito, uma representação sobre o próprio corpo e sobre o corpo do outro. Ilustro esta reflexão a partir dos comentários direcionados sobre os corpos que segundo uma aluna experiente de trinta e cinco anos de idade e que frequenta a academia a mais de dez anos, “agridem a visão”. Apresento esta passagem em um recorte do diário de campo: Durante um diálogo com uma jovem senhora, pergunto a ela em um determinado momento *“qual seria a imagem de corpo que mais se afasta do seu ideal particular, que acha menos estético”*. Ela olha ao nosso redor e responde discretamente *“olha aquela mulher na esteira, ela é gorda, tem um corpo super estranho... é toda desproporcional... me dá uma agonia ver ela assim, passa uma impressão de desleixo... agride a visão”* (Diário de Campo, 04/05/2009).

A narrativa desta mesma aluna se desloca, num segundo momento, reconhecendo que os esforços no sentido de manter um corpo definido e magrinho demandam cuidados constantes: *“academia é um mal necessário... hoje em dia faço um esforço bem menor, posso dizer que já estou até acostumada, mas no começo não foi fácil”* (Diário de Campo, 04/05/09). A escolha dos termos que caracterizam o corpo gordo como *estranho, desproporcional, desleixado e agressivo*, não surgem por acaso, ao contrário, são precisamente os atributos que contrariam todo o ideal estético da beleza feminina, que neste sentido encontra um terreno ou um corpo *não dócil*. Trata-se aqui de compreender como

certos mecanismos de diferenciação de gênero são produzidos. As restrições ao apetite feminino não se referem somente à ingestão dos alimentos, mas a um controle social da fome feminina, o que não quer dizer que os homens não venham também sendo alvo destes discursos. (DAMICO, 2007, p. 99).

Uma outra jovem aluna dona de casa apresenta as constantes batalhas que enfrenta todos os dias quando se desloca até a academia,: *“odeio academia, é uma tortura para mim, mas eu preciso, engordei muito com o casamento... nunca gostei, mas já tem um ano que freqüento aqui...”* (Diário de Campo, 21/04/2009).

As constantes seções de treinos e dietas com que frequentemente as alunas se deparam, ora aderindo e se submetendo, ora resistindo e se afastando, operam na lógica de poder descrita por Foucault, ou seja,

O poder deve ser analisado como algo que circula, como algo que só funciona em cadeia. Nunca esta localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. (FOUCAULT, 2001, p. 183).

As alunas por vezes, produzem narrativas que demonstram uma submissão aos exercícios e a uma alimentação rigorosa, para em um outro momento, abrir mão de tudo e abolir o controle. Esta dinâmica também se reflete na adesão das alunas às aulas de ginástica, mostrando grande alternância no número de freqüentadoras durante o ano. É comum ouvir da parte delas o “dar um tempo para descansar, relaxar um pouco e afrouxar a dieta”, para logo em seguida internalizar toda a culpa pela suposta fraqueza e se submeter a um programa ainda mais intenso.

### **“Por que eu não posso ter um corpo assim?”**

A partir da fala descrita acima se originou a argumentação que deu início ao último capítulo deste trabalho, foi quando conversava despreziosamente com uma senhora de cinquenta anos que levantou o seguinte questionamento durante sua caminhada de rotina na esteira: *“Alexandre... eu tenho cinquenta anos de idade, a Madonna também... porque meu é corpo é tão diferente do dela? Quero ter corpo assim!”* (Diário de Campo, 04/05/2009). Foi tentando responder esta pergunta que surgiu a possibilidade de convidá-la a me conceder uma entrevista para um aprofundamento dos pontos centrais de nossa discussão.

Durante nossa entrevista, a dinâmica do diálogo não seguiu a lógica tradicional, visto que paralelamente às perguntas que eu levantava a entrevistada, algumas vezes ocorreu o fato dela rebater, considerando que eu ainda não tinha respondido a sua questão chave. Tentei assim construir questões que não fossem de encontro diretamente com a resposta que dei à dúvida inicial da aluna, buscando reflexões em outras direções, até me dar conta que, de alguma forma, eu estava inserido também numa relação de poder bem estabelecida naquele momento. Tentando responder a questão no que justifica as diferenças corporais entre os indivíduos, no caso entre ela e a Madonna, devo considerar que acabo de operar numa determinada discursividade que valida grande parte dos conhecimentos produzidos na área da Educação Física, tendo origem numa produção científica articulada a saberes biomédicos, principalmente no que tange às diferenças fisiológicas. Fato este, determina um dos principais conflitos que tento administrar ao longo de anos de atuação na área da saúde, como articular todo um saber-poder que se apropria do corpo, classificando-o, hierarquizando-o, numa perspectiva contextualizada, procurando trazer outros elementos para a reflexão, ocupo assim, uma posição muitas vezes contraditória, entretanto inescapável para minha condição.

Quando pergunto a aluna o porquê se de parecer com a Madonna, ela destaca que é complicado ver uma mulher da sua idade com um corpo bem mais jovem, e segue, *“existe uma pressão muito grande, a moda, por exemplo, as lojas só tem roupas de manequim pequeno, 38, 40, 42... não pensam nas mulheres maduras mais gordinhas, acham que a gente não precisa se vestir...”* (Diário de Campo, 06/05/2009). Ela acredita por outro lado, que jamais conseguirá se equiparar a uma estrela da música que vive diariamente em função da estética, porém, a única maneira de se aproximar deste ideal estético, é mostrar um disciplinamento rigoroso: *“agora estou radicalizando... só como quando não agüento mais. Agora no final do mês eu tenho uma reavaliação, vou ter que encarar a balança, faz meses que não me peso... dá ultima vez, fiz meu IMC na Internet o resultado foi de obesidade grau 1...”* (Diário de Campo, 06/05/2009). Esta argumentação posiciona uma diversidade de considerações, por um lado, temos a moda e seus padrões estabelecidos associados a uma série de representações veiculadas pela mídia de como deveriam ser a imagem e a forma do corpo contemporâneo. Por outro lado, temos a busca incessante do enquadramento do peso neste contexto, tendo como opção de ajustamento algumas articulações que “racionalizam” o corpo nesta direção:

Os cuidados com o corpo, incluindo os regimes de emagrecimento, são permeados por relações de poder exercidas sobre os outros e sobre nós mesmos. Compreendo estas relações de poder como possíveis estratégias de governo dos corpos, já que

estão constantemente envolvidas no exercício de dirigir e regular modos de ser e agir dos indivíduos e da população. (DAMICO, 2008, p, 202).

Um exemplo das estratégias de controle social exercidas sobre o peso dos indivíduos, para além das dietas, nos apresenta o cálculo para verificação da composição corporal (IMC) destacado pela aluna. Cabe salientar que este mecanismo tecnológico relativamente simples opera normativamente, como uma fórmula, na medida em que a partir do peso do indivíduo dividido pela sua altura ao quadrado, é possível classificar o resultado numa faixa de peso entendida como *recomendável*, ou dito em outras palavras, segundo a polaridade normal e anormal. Esta popularização da avaliação do IMC na internet tem possibilitado os sujeitos a se auto-vigiarem, funcionando como uma ferramenta que apresenta o tamanho do desvio, trazendo as medidas em relação ao corpo que deveriam ser aceitas por todas as pessoas.

A entrevistada também se mostrou muito surpresa com a divulgação das fotos originais de um ensaio fotográfico realizado por uma atriz de novelas e sua forma física original: *“tu viu as fotos originais da Suzana Vieira, fiquei aterrorizada... primeiro lançam as fotos dela com um corpo perfeito deixando qualquer mulher de cinqüenta anos louca, depois nos trazem para a realidade mostrando a verdade... poxa! É claro que tem que ter fotoshop né! A bunda é cheia de celulite como a nossa...”* (Diário de Campo, 06/05/2009). Atento a este ponto, o papel desenvolvido pela mídia é central, veiculando determinadas representações de corpo, operando através de imagens que se aproximam da perfeição estética e, desta forma, internalizando uma série de atributos e valores, organizando a subjetividade do indivíduo. Conforme Ferreira, Baumel e Gomes afirmam:

Atualmente, vive-se a era das imagens e, nesse contexto, experimenta-se uma saturação de signos no tocante ao corpo ideal. Nessa ciranda de signos, o corpo fica reduzido a escravo de si mesmo, o corpo real é desprezado e descartado em prol do corpo desejado e imaginado. Essa valorização visual se impõe de forma drástica e direta. (FERREIRA, BAUMEL e GOMES, 2008).

A construção de um apelo social em busca da jovialidade é também manipulada nesta relação conflituosa, produtora de verdades, onde o contexto discursivo atua sobre as práticas sociais e as dinâmicas de gênero de uma cultura. Encontramos aqui mais uma vez a idéia de Foucault, no desenvolvimento de relações de força que induzem, produzem coisas, formam saberes e produzem discursos. Entende-se que tais relações se dão por meio de uma difusão e por capilaridades, por meio de discursos, nas ações e nos pensamentos, podendo entender essas relações como micropoderes, pois dizem respeito às

realidades concretas do cotidiano dos indivíduos, em nosso caso na relação estabelecida entre as alunas da academia e seus corpos.

### **Considerações finais**

A busca de possíveis significados sobre as narrativas elaboradas pelas alunas da academia com relação aos seus corpos e sobre os corpos das outras mulheres, acabou conduzindo este trabalho para um complexo universo de representações sociais. Neste sentido, pude perceber que as representações que se apropriam do corpo na academia, se estabelecem a partir de uma rede de saberes discursivos, produtores de verdades, que articulam diferentes áreas do conhecimento construindo uma densa relação de poder, onde os indivíduos transitam constantemente, ora aderindo aos discursos ora resistindo. Desta forma, os discursos do universo biomédico, articulados a uma série de outros discursos como o publicitário, o estético, o educacional e o do senso comum tem produzido as condições para que as alunas participantes deste trabalho ocupem determinadas posições nas representações que constroem sobre a sua imagem.

Foi possível destacar no conteúdo das narrativas das alunas, a construção de um modelo corporal padronizado numa série de características e atributos entendidos como femininos, o que nos sugere que esta representação tem assumido um caráter de projeto para determinadas mulheres na busca de um tipo específico de corpo, paralelamente; destacam-se também uma diversidade de elementos construídos historicamente como femininos, como a sensualidade, a habilidade de se vestir e se maquiar, caracterizando um modelo hegemônico de feminilidade que classifica e hierarquiza as mulheres neste espaço. Este modelo de corpo balizado na feminilidade e na magreza se opõe a outros dois modelos corporais frequentemente marginalizados nas falas das alunas e que devem ser evitados quanto a representação feminina, legitimando determinadas práticas e intervenções que levam a oposição destas imagens. As alunas citam os corpos fortes como aqueles que manifestam masculinidade, ou seja, se agrega assim toda uma carga simbólica em oposição ao que realmente é feminino, por outro lado, nos é apresentado também uma posição de combate ao corpo gordo, uma imagem tida como estranha, desproporcional, não saudável e plenamente antiestética.

Desta maneira é importante perceber que nos aproximamos aqui, mais uma vez, das idéias de Foucault buscando a compreensão das maneiras pelas quais as mulheres buscam a construção corporal, se inserindo nos mecanismos de disciplinamento e vigilância



historicamente produzidos sobre estes corpos e que, na atualidade, são constantemente reinventados atuando das mais diversas formas. No caso da academia existe a sustentação de determinadas propostas de intervenções e cuidados que se manifestam nas diferentes dietas e numa infinidade de exercícios promovendo constantemente a internalização da vigilância sobre a imagem.

O trajeto percorrido por este trabalho encontrou a construção contemporânea do corpo feminino plenamente sintonizada com a nova ordem social da estética e da magreza, demonstrando desta maneira que corpo também é construído na esfera cultural, envolvendo uma série de relações de poder e de lutas em torno das diferentes significações. Neste caso, tomando como pressuposto os estudos que tem centralizado o corpo numa perspectiva mais ampla, com suas posturas, formas, no modo como vestimos, no que comemos e nos diferentes rituais que aprendemos para cuidar dele, temos a possibilidade de posicioná-lo como um portador privilegiado dos sentidos de nossa cultura. Partindo deste ponto para uma última reflexão, ao resgatar a narrativa produzida por uma das alunas que afirma a existência corpos que “*agridem a visão*”, lanço uma questão no ar: será que na atualidade realmente estes corpos agressivos existem? Ou será que frequentemente aplicamos olhares agressivos a determinados corpos? Desta forma, ao final do trabalho, a única coisa que se faz possível afirmar é a permanência de grandes dúvidas e a disposição para novas pesquisas.

### **Referências**

**DAMICO, J. G. S. O cuidado com o corpo como estratégia de sujeitos generificados.** Revista Movimento, UFRGS; v.3, n.1,p.94, Jan.-Abril 2007.

**DAMICO, J. G. S. O corpo feminino como marcador social.** . In: ROMERO, E. PEREIRA, E. G. B. (Orgs.) Universo do Corpo Masculinidades e Feminilidades. Rio de Janeiro: Shape, 2008.

**FERNANDES, L. A. B. Construindo Identidades Sociais: Feminilidade e Masculinidade.** 31º Encontro Anual da Anpocs, 2007, Caxambu-MG

**FERREIRA, M. E. C. BAUMEL; R. C. R. ; GOMES, G. A busca frenética por um corpo ideal.** In: ROMERO, E. ; PEREIRA, E. G. B. (Orgs.) Universo do Corpo Masculinidades e Feminilidades. Rio de Janeiro: Shape, 2008.

**FONSECA, C. Quando cada caso não é um caso.** Revista Brasileira de Educação, n. 10. Jan./Fev./Mar/Abr., 1999.

**FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: História da violência nas prisões.** Petrópolis, RJ:Vozes, 1987.

**FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder**, Rio de Janeiro, Grall, 2001.

**GOELLNER, S. NECKEL, J. ; LOURO, G. (Orgs.) Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

**LIPOVETSKY, Gilles. A terceira mulher: Permanência e revolução do feminino**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

**MACHADO, R. Por uma genealogia do poder**, In: FOUCAULT, M. Microfísica do Poder, Rio de Janeiro, Grall, 2001.

**MATOS, A. A. LOPES, M. F. Corpo e Gênero: uma análise da revista TRIP Para Mulher**. Estudos Feministas, Florianópolis, 16(1): p.61-76, jan-abr/2008 .

**MAUSS, M. As Técnicas Corporais**. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: EPU, 1974.

**MEYER, Dagmar. Gênero e educação: teoria e política**. In: LOURO, G. ; NECKEL, J, *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.

**MEYER, D. ; SOARES, R. Corpo, gênero e sexualidade nas práticas escolares: um início de reflexão**. In: MEYER, D. SOARES (Orgs.) *Corpo, gênero e sexualidade*. Porto Alegre: Mediação, 2004

**MISKOLCI, R. Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência**. Estudos Feministas, Florianópolis, 14(3), 272, Set-Dez/2006.

**MOURÃO, L. VASCONCELOS, R. V. Corpo e estética da mulher no fitness**. In: ROMERO, E. ;PEREIRA, E.; G. B. (Orgs.) *Universo do Corpo Masculinidades e Feminilidades*. Rio de Janeiro: Shape, 2008.

**PEREIRA, C. S. Construindo a Feminilidade na cultura da magreza: um estudo sobre corporiedade, adolescência e anorexia**. In: ROMERO, E. PEREIRA, E. G. B. (Orgs.) *Universo do Corpo Masculinidades e Feminilidades*. Rio de Janeiro: Shape, 2008.

**ROSE, Nikolas. Como deve se fazer a história do Eu? Educação & Realidade**. Porto Alegre, v.26, n.1, p. 33-57, jan./jun. 2001.